

Cinema de Arte

Acervo Digital
Walter
da Silveira

promoção
organização
direção
do

Clube de Cinema da Bahia

1.º - maio - 1965

“OS COMPANHEIROS”

(“I Compagní”)

Acervo Digital

Walter
da
Silveira

FICHA TÉCNICA:

Realização	— Mario Monicelli
Argumento e roteiro	— Age, Furio Scarpelli e Mario Monicelli
Fotografia	— Giuseppe Rotunno
Música	— Carlo Rustichelli
Interpretação	— Marcello Mastroiani, Renato Salvatori Annie Girardot, Folco Lulli, Bernard Blier
Produção	— Lux-Vides, 1963

Mario Monicelli tem uma carreira cinematográfica paradoxal: começou muito cedo, só muito tarde realizou-se plenamente.

Com vinte e um anos já era assistente de direção de cineastas famosos com o checo Gustav Machaty ou o italiano Augusto Genina. Só aos quarenta e três, seria o autor de «**Os eternos desconhecidos**» («**I soliti ignoti**»), com o qual tem início seu período brilhante, a ponto do juri atribuir o Leão de Ouro de Veneza, em 1959, a «**La grande guerra**».

Não se pode dizer, porém, que de 1936 a 1958 Monicelli vivesse numa total obscuridade. Argumentista de vários filmes, notadamente de Pietro Germi («**Em nome da lei**») e Giuseppi de Santis («**Arroz amargo**»), passou depois a uma colaboração intensa com Steno, juntos escrevendo e dirigindo largo tempo, do trabalho comum saindo nove fitas, uma delas, «**Guardas e ladrões**», de 1951, elogiada pela combinação um tanto chapliniana do humanismo e do cômico. Sôzinho desde 1953, entrou a fazer pelo menos um filme por ano, nenhum de grande evidência, embora a maior parte, sobretudo «**Donatella**», em 1955, manifestasse uma certa inclinação para a crítica dos costumes e dos problemas da sociedade italiana.

A experiência serviu muito a Monicelli. Se hoje é um autor cinematográfico sem a grandeza de um Antonioni ou um Fellini, não está mais entre os cineastas secundários, todos reconhecem que «**I soliti ignoti**», «**La grande guerra**», «**Risata di gioia**» (1961) e «**I compagni**» lhe dão direito a uma justa celebridade, pelo domínio do relato que aprendeu como roteirista e pela perfeição técnica da *mise-en-scène* que lhe veio do longo ofício.

Agora se sabe que «**Guardie e ladri**» devia bem mais a Monicelli do que a Steno. Não é só o fato de que tenha crescido como realizador, enquanto o outro decaiu. É a certeza de que a linha temática daquele filme se confirmou, fez-se presente cada vez mais, nos últimos trabalhos de Monicelli.

O tratamento herói-cômico: eis a sua marca fundamental. Em «**Os eternos desconhecidos**», os personagens são pequenos ladrões suburbanos, que pensam ter planejado um roubo audacioso, mas fracassam por ingenuidade. Os dois soldados de «**A grande guerra**» terminam morrendo gloriosamente, embora todo o empenho em fugir das trincheiras. Há uma greve e um líder socialista em «**Os companheiros**»: poderia ser um drama histórico do século XIX, quando os textéis de Turim reivindicavam uma jornada de trabalho de treze horas, mas, sem deixar de sê-lo, de novo elabora-se aqui a unidade monicelliana da tragédia e da

comédia, cujo encontro representa sua forma de recompor a realidade.

Pouco importa averiguar em «**I compagni**» se os trabalhadores perderam ou ganharam a greve. Monicelli, neste filme como em «**La grande guerra**», quer muito mais do que a vitória ou a derrota, a vida ou a morte. A tragicomédia dos dois soldados significava uma crítica humanista da ilogicidade da guerra, capaz de transformar em heróis dois covardes. Os primeiros passos do socialismo, a implantação de uma consciência sindicalista na Itália, são vistos em «**Os companheiros**» sem tons épicos, num levantamento tanto mais fiel porque ligado a todos os outros problemas humanos, só na aparência insignificantes.

Se às imagens de Giuseppe Rotunno deve-se muito, em «**I compagni**», o levantamento exterior da época, sem Marcello Mastroianni não se teria definido tão plenamente o personagem central. Aliás, Monicelli é um cineasta que sabe escolher sua equipe: se Rotunno já vinha de «**A grande guerra**», Mastroianni está situado como o melhor ator italiano.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

PRÓXIMO PROGRAMA:

Dia 8 de maio «**Amores fracassados** («**he bel age**») de Pierre Kast